

Autopoiese e sociedade: a posição estratégica do desejo na gestão de uma rede social

Fábio Dal Molin

Tânia Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

RESUMO

Este estudo busca apontar a importância do desejo na associação dos sujeitos implicados em uma rede social, vindo a concluir que esta não pode ser considerada um sistema autopoietico, ultrapassando, assim, as características encontradas em relação aos seres vivos. Uma rede social é um acontecimento de grande complexidade e nos leva a considerar o plano das singularidades em rede. Por sistema vivo entende-se aquele que, mantendo sua organização distinta por um observador (identidade sistêmica), realiza câmbios em sua estrutura (elementos constituintes) no processo de produção de si mesmo (autopoiese). Por serem abertos ao fluxo de matéria e energia, os sistemas autopoieticos realizam seus câmbios estruturais a partir de interações com outros sistemas, ou acoplamentos estruturais. Foi escolhida como objeto de estudo a Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga, em Porto Alegre, através da observação de suas reuniões (diários de campo) e leituras de suas atas, bem como documentos e correspondências enviados pela e para a Rede como sistema. São analisados três momentos de sua autopoiese: constituição como espaço aberto e múltiplo, movimentos com fins organizativos (auto-regulação) e um acoplamento com outro sistema.

Palavras-chave: Autopoiese; rede social; sistema vivo; Restinga.

ABSTRACT

Autopoiesis and society: The strategical position of desire in the management of social web

This study searches to fix the importance of the desire in the association of subjects in a social web, concluding that it can not be considered an autopoietic system, exceeding the issues founded in the biological organisms. A social web is an occurrence of great complexity, and we have consider the plan of singularities in the web. A living system is those that, by the maintaining of its organization, distinct by an observer (systemic identity), realizes changes in its structure (constituent elements) in the process of self production (autopoiesis). The autopoietic living systems are opened to the flowing of energy and substance, because of that they make their structural changes in a rol of interactions with another systems, or structural coupling. The object of this study is the Integrated Web of Services of the Restinga's districts, on Porto Alegre, RS, Brazil, by the observation of its assembly and transcriptions of its proceedings, as well as documents sent to and for the Web as a system. The analysis is based on three moments: the constitution of the Restinga's web as an opened and multiple assembly; its movements with organizing intention (self-regulation) and its coupling with another system.

Keywords: Autopoiesis; social web; web; living system; Restinga.

ESTAMOS NA REDE COM A REDE, EM DIREÇÃO À REDE

A Restinga é um bairro da zona sul de Porto Alegre construído em mais de trinta anos de políticas de remoção de favelas e loteamentos habitacionais. Como em muitas comunidades de periferia, a Restinga é uma miscelânea de políticas de educação, transporte, saúde, segurança, assistência social, dispersas ao sabor dos diversos regimes governamentais, democráticos ou

não. Seguindo a dinâmica democrática predominante no Brasil, a Restinga é um bairro predominantemente negro, jovem e pobre, e as políticas de atenção à criança e ao adolescente estão sempre em pauta. Em meio aos aparelhos estatais, cidadãos e cidadãs constroem redes e movimentos sociais, e neste trabalho procuramos discutir as redes que brotam na Restinga e problematizar as redes teóricas implicadas em nossa análise.

Promover um espaço de encontro e troca de informações entre instituições que trabalham em entidades

de assistência à criança a ao adolescente, esta é, em princípio, a idéia inicial da Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga. Promover um espaço de compartilhamento de informações entre pessoas que queiram trocar informação de qualquer tipo, de todo o mundo, esta seria, a idéia que gerou a world wide web. Ainda que sejam agenciadas por dispositivos tecnológicos diversos, uma rede “social” e uma rede computacional possuem dinâmicas de funcionamento bastante semelhantes, até por que encontram-se em um diagrama chamado “Rede”, cujo princípio é o nó, o elo, que possibilita a multiplicidade de trocas e de conexões, de múltiplas formações de territórios emergentes, estratégias de gerenciamento.

O adequado gerenciamento da informação é condição fundamental para que a rede possa realizar suas funções. O sistema de informação e comunicação pode recorrer desde às mediações mais simples – como reuniões presenciais, registros manuscritos e utilização de correios tradicionais – até as mediações mais ágeis como sistemas informatizados, valendo-se da Internet ou de outras redes de comunicações de dados (Mance, 2000).

Em uma rede, entendida como estado emergente, uma informação lançada é compartilhada e processada por um coletivo, que engendra múltiplos modos de organizar-se para realizar tal tarefa e, desde já colocamos aqui que as redes sendo multiformes, carregam em si possibilidades virtuais de produzir subjetividades. Também podemos explicitar, desde já, que entendemos por subjetividades não uma interioridade dos indivíduos, tomamos-a como o que não está fora nem dentro, como algo que se produz no “entre” relacional sujeito e mundo, percorrendo, portanto, espaços simbólicos e redes de conversações nos quais certos territórios mantêm-se metaestáveis, conservando e transformando para durar (Maturana e Varela, 2001; Guattari, 1990). Nossa investigação se propõe a registrar a conexão “pesquisador-rede” e a própria rede em sua construção coletiva distinta pelo olhar do pesquisador. Tal conjunção constitui o objeto de nossa pesquisa, de um observador que procura contemplar, através de construções teóricas, não apenas a concepção de “rede”, mas a de um coletivo humano que operacionaliza um modo de funcionar sob a insígnia de “rede”. Para discutir o conceito de rede, primeiro nos utilizamos do de autopoiese, da produção e autoprodução do que é vivo e, como diz Fritjof Capra (1996), “quando olhamos para a vida estamos olhando para redes”. A idéia de autopoiese aplica-se a sistemas que trabalham produzindo a si mesmos em domínios de interação com outras unidades, e que ocupam funções ora como “organizadores” (coletivo-individual) ora como “autores” (individual-coletivo). Por organização

entende-se aquilo que configura a identidade do sistema em um domínio que produz sentido a um observador. Por estrutura podemos definir as entidades específicas que operam na configuração da organização (Maturana e Varela, 2001). Podemos dar o exemplo do gerenciamento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e suas redes. Podemos observar uma escola, um posto de saúde e um centro comunitário com entidades pertencentes a sistemas diferentes, no entanto, quando elas se reúnem sob a insígnia do ECA, são partes constituintes de um mesmo sistema-rede.

A idéia de rede operacionalizada nesta pesquisa pode ser expressa por um domínio de relações entre elementos de uma multiplicidade que ocupam tanto a posição de partes constituintes quanto de operadoras, que conservam em si tanto a repetição (a coletividade) quanto a diferença (as especificidades possíveis). Redes são momentos múltiplos, singulares e coletivos, sociais e individuais, especiais e temporais.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que originou a dissertação de mestrado *Autopoiese e Sociedade: A Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga na teoria dos Sistemas Vivos*. A proposta é discutir e analisar a gestão de uma organização emergente, que surgiu espontaneamente, constituída por entidades governamentais, não governamentais e lideranças comunitárias, compondo-se como uma rede no sentido estrito do termo. Na teoria dos sistemas, pode-se compreender que uma rede emerge a partir de elementos em comum, mas cujo processo não é disparado por nenhum agente superior, sendo suas hierarquias definidas no processo. Chama-se isso de auto-organização (Capra 1996; Maturana e Varela, 2001). O processo de autoorganização que gera a vida é chamado, em decorrência, de autopoiese.

As características de sistema autopoietico de uma organização social humana são questionadas pelo criador do conceito, Humberto Maturana. Em conferência recente (I Conferência Internacional de Gestão Social Porto Alegre, Teatro do Sesi, 2004), indagado sobre a possibilidade de interpretação de sistemas sociais humanos pela teoria da autopoiese, Maturana responde que o ser humano é uma anomalia entre os seres vivos por apresentar consciência reflexiva (coordenações consensuais) e, por isso, sua unidade autopoietica de terceira ordem, a sociedade, é diferente das formigas por apresentar possibilidades amplas de transformação na sua organização. Para o autor, a autopoiese é um conceito restrito ao funcionamento de um sistema fechado, que não é capaz de modificar sua organização autopoietica. Exemplifica afirmando que, nas unidades de primeira ordem, uma célula do fígado não resolve conscientemente tornar-se uma célula cancerosa, e que o próprio organismo humano, em seus siste-

mas autônomos, não é capaz de decidir se vive ou não, bem como um formigueiro não consegue deixar de ser um formigueiro, para tomar um exemplo de uma unidade autopoietica de terceira ordem. Para Maturana, considerar um sistema social humano autopoietico seria negar e ocultar toda uma complexidade de relações possíveis, pelas suas infinitas coordenações consensuais possíveis.

No entanto, segundo sua própria concepção, as idéias e os conceitos, como processos emergentes de matrizes de coordenações consensuais de coordenações consensuais, existem por conservarem certas características, na medida em que se transformam ao longo do fluir de suas existências. Somos seres vivos porque conservamos nossa identidade e transformamos nossa estrutura. A questão aqui colocada diz respeito à possibilidade de análise de sistemas sociais como autopoieticos, e inclusive há uma série de trabalhos publicados neste sentido, como a obra de Niklas Luhmann, considerando o Direito como um sistema autopoietico, e a reflexão do psicólogo brasileiro Eduardo Passos (1995), que, em um artigo científico, analisa a sociedade como sistema autopoietico. Seguindo o caminho sistêmico: a célula é a unidade autopoietica de primeira ordem, os seres pluricelulares ou sistemas celulares são as de segunda ordem e as coletividades como colônias de bactérias ou formigueiros, rudimentos de sociedades no mundo não-humano, configuram unidades autopoieticas de terceira ordem (ver Maturana e Varela, 2001). transformação no sentido de conservar algumas idéias centrais e modificar sua estrutura, na sua disseminação no contexto da rede de coordenações consensuais da comunidade científica?

Na pesquisa que originou este artigo, foi observada uma rede comunitária de serviços, apontando para a manutenção de sua identidade sistêmica e seus câmbios estruturais representados por suas estratégias de gestão. A referida rede continua a manter-se no seu fluir como sistema vivo, conservando sua organização e transformando sua estrutura. Não seria possível imaginarmos um sistema autopoietico de quarta ordem, que, conscientemente, busca manter-se como vivo, mimetizando as redes celulares e as unidades de terceira ordem? A proposta da pesquisa aqui relatada foi justamente observar as operações organizativas e o fluir de um sistema heterogêneo em sua manutenção ao longo do tempo, do espaço e da existência.

A REDE DA RESTINGA

A Rede da Restinga refere-se a um espaço fundado em 1994 por entidades responsáveis por crianças e adolescentes no bairro Restinga, e seus objetivos en-

contram-se alinhados aos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Sua característica peculiar é justamente existir sem um organograma, sem hierarquias ou cargos prefixados. A rede se auto-organiza, conservando-se e transformando-se.

A pesquisa foi realizada durante o ano de 2001, pela observação etnográfica de sua reunião quinzenal, constituída por pessoas de diversas instituições: Escolas, Conselho Tutelar, Centro Comunitário, lideranças comunitárias, Posto de Saúde, entre outras.

A gestão de um sistema auto-organizativo e não-hierárquico possui certas características peculiares: o processo se dá por afetação e por compromisso, ninguém cumpre ordens e todos têm o direito de opinar. As estratégias de gerenciamento são discutidas e executadas no processo. A rede constitui-se, neste caso, como um plano de superfície que acolhe os processos e lhes sugere um direcionamento de acordo com os elementos atuantes, na sua própria dinâmica.

No período em que a Rede foi observada (entre janeiro e outubro de 2001), três momentos de seu processo foram destacados: sua heterogeneidade, suas estratégias de gerenciamento e sua capacidade de interagir como sistema consciente de si mesmo. Tais elementos foram marcados, pois entendemos que a Rede é definida por ela mesma como rede e, nos termos de Maturana (1999), emerge de uma “matriz de coordenações coordenadas de conversações geradoras de consensos que fazem sentido ao conjunto de seus observadores, formadores e mantenedores”. Seu processo de gestão e manutenção conserva-se, portanto, na fluência dos consensos, sendo o desejo da comunidade que a mantém, e não na burocracia hierárquica. O que faz sentido na rede é sua própria existência, seu momento presente, sendo que, para Maturana, é justamente no presente que os sistemas se realizam, pois o futuro e o passado são sempre construídos e atualizados neste momento, e em seus momentos presentes a Rede da Restinga elaborou inúmeras estratégias de manutenção.

Seus elementos constituintes mantiveram-na acesa pelo desejo de encontrar-se, de estabelecer conversações e consensos. Não há comunicação nem relações sociais sem consensos, sem conversa, sem dar voltas em conjunto. Mesmo em situações de conflito e discordância, estes só são possíveis a partir de uma matriz subjacente, pois as palavras são vazias de sentido se não encontram seu sentido na existência e nas coordenações de comportamento, e as coordenações de comportamentos só são possíveis quando o outro é escutado, é visto como legítimo outro no fluir da existência (Maturana, 1999). Para o autor, não há relações sociais sem ética, e a ética corresponde justamente ao respeito à diferença.

A Rede, em seu fluir, constituiu-se pela vontade de escutar o que o outro tem para dizer, sem preocupar-se em identificar “quem é o chefe”. As relações hierárquicas, sem o desejo, são absolutamente vazias, e não constituem relações sociais. E eis o que as redes sociais espontâneas encontram como diferencial em sua gestão: sem a afetação, sem o desejo, sem o up-down, não há redes. Desta maneira, a Rede da Restinga produziu a si mesma como encontro de múltiplas organizações sociais e seres vivos, interessados em discutir a problemática da atenção à criança e ao adolescente.

No entanto, é preciso examinar a questão colocada por Maturana como entrave para a possibilidade de imaginar a sociedade como sistema autopoietico. Lembremos que a origem do conceito está atribuída a um princípio vital, ou seja, a uma condição que seja comum a todos os seres “vivos”. Podemos, assim, entender que o conceito mais geral supõe outro, atrelado a um mecanismo, ou a uma situação que seja relativa a tudo que esteja vivo. A célula é a unidade básica do ser vivo, e é à deriva do seu funcionamento que todas as outras estruturas vivas existem. O pensamento de Maturana é radicalmente sistêmico, como é o da Biologia em geral, e envolve relações entre partes e todo, que são importantes operadores para a observação dos sistemas denominados como redes. A partir do todo, podemos identificar as estratégias perceptivas do movimento das partes no seu funcionamento como sistema e até mesmo a possibilidade da autopoiese em uma unidade “quaternária”. Neste sentido, podemos nos utilizar de material simbólico proveniente de outros pesquisadores e de outras práticas para trabalhar com o que se tem pensado sobre o funcionamento de redes comunitárias, em termos de estratégias de gerenciamento, seus elementos constituintes e sua importância na sociedade (sistemas de hierarquia mais ampla, como bairro, cidade, estado, país). Tudo aquilo que chamamos ser vivo, por definição, realiza para manter-se como vivo, conservando e metamorfoseando, a autopoiese. É claro que a discussão, aqui, com Maturana refere-se a uma incongruência conceitual, justamente pelo posicionamento de observadores distintamente em relação ao mesmo fenômeno.

Na pesquisa que originou este artigo, a teoria de Maturana foi estudada no contexto de uma dissertação de mestrado em Psicologia Social e Institucional, e o conceito de autopoiese e algumas de suas redes subjacentes foi acoplado a observações de campo em uma rede comunitária, a rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga. Duas questões polêmicas permearam a tarefa de análise e construção do problema de pesquisa: se o objeto em questão era realmente uma rede, e se esta rede pode ser analisada como sistema

autopoietico. Ambas foram resolvidas (pelo menos parcialmente) através de princípios sistêmicos. Além de a Rede da Restinga ser um espaço de interligações, o que por si só configura uma formação reticular, ela possui uma identidade sistêmica gerada pela sua própria coletividade funcionando como unidade. A própria Rede se considerava como tal, e em função disso trabalhava. Egar Morin (1999) chama isso de “cômputo auto-exo-referente”. É a partir do “cômputo auto-exo-referente”, como propriedade que permite à máquina hipercomplexa que o observador constitua-se enquanto um dos instrumentos de pesquisa, através de suas distinções:

O ato de designar qualquer ente, objeto, coisa ou unidade, está ligado à realização de um ato de distinção que separa o designado e o distingue de um fundo. Cada vez que fazemos referência a algo, implícita ou explicitamente, estamos especificando um critério de distinção que assinala aquilo de que falamos e especifica suas propriedades como ente, unidade ou objeto (Maturana e Varela, 2001, p. 47).

A posição de um observador em relação a um fenômeno e a singularidade deste encontro vai em direção à própria Ontologia do Observador (Maturana, 1999), que encontra base na Fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty. No entanto, de maneira mais específica, referimo-nos a um dos fundamentos da teoria sistêmica, surgido em 1910, ou seja, uma geração antes dos cibernéticos, que corresponde à noção de Gestalt.

COMO SISTEMAS-REDE SÃO PERCEPTÍVEIS A UM OBSERVADOR

É importante, em primeiro lugar, considerar a percepção gestalt-sistêmica da rede, reconhecendo-a como sistema. Varela (1992) chama isto de estado emergente, podendo também ser denominado dinâmica integrativa. Um artifício cognitivo/operacional, acoplado às redes de conversações lingüísticas, é o que faz com que determinemos que uma coletividade de pessoas, verbalmente relacionadas a coletividades participantes de sistemas diversos, adquiram a forma perceptível de uma Rede, e que esta operação-Rede possa ser estudada e problematizada por um pesquisador. Os sujeitos participantes de reuniões presenciais são elementos constituintes de seus locais de origem, identificados com instituições, aparelhos, dispositivos “Escolas”, “Posto de Saúde”, “Centro Comunitário” que, naquilo que podemos chamar de “momento rede”, compõem um outro sistema, um outro espaço identificável. A rede, inclusive, pode acoplar-se a Redes maiores, porque pode posicionar-se como “Rede do Bairro Restinga” e eleger representantes na rede Mu-

nicipal, uma Rede de Redes. Avançamos em outro padrão perceptivo, onde agora a Instituição que fazia parte da Rede mescla-se e desaparece momentaneamente para que aquele sujeito torne-se “o Representante da Rede”.

Redes são formadas por intra-redes e extra-redes, mediadas por redes simbólicas de conversações, que são intercâmbios entre diferentes observadores em acoplamento, uma hierarquia percepto-sistêmica, ativada gestalticamente. Há diferentes classificações por sistematistas baseadas em sua visão do mundo:

Por exemplo, em 1942 o químico Needham achava que o Universo apresentava os seguintes níveis, partindo do menor: organização subatômica → átomo → molécula → partícula coloidal → célula viva → órgão → organismo → entidade psicológica → entidade sociológica. O biólogo Bertalanffy, em 1967, julgava que a passagem das organizações menores até as maiores consistia em: partículas elementares → átomos → moléculas → células → organismos → organizações supra-individuais. O psicólogo James G. Miller, em 1978, acreditava que os níveis compreendiam: partículas → átomos → moléculas → cristais ou organelas. A seguir haveria uma repartição. Os níveis superiores minerais apresentavam o seguinte esquema: sistemas ecológicos → planetas → sistemas solares → galáxias → outros sistemas superiores; os níveis superiores vivos incluíam células → órgãos → organismos → grupos → organizações → sociedades → sistemas supranacionais (Bertalanffy, 1977; Miller, 1978; Needham, 1942, in Engelmann, 2002, p.21).

É importante resgatar a relação entre a Gestalt e o pensamento sistêmico, porque o trabalho de pesquisar uma Rede Social como a da Restinga implicou em analisar tanto os elementos do sistema reconhecidos por ele mesmo como aqueles provenientes de pesquisadores, que observam a rede através de observação das reuniões e da busca de material teórico que a acople a outros sistemas simbólicos. Quando a Rede é atualizada, surge, como estado emergente, esta percepção de todo através das partes e do observador que interage por uma meta-conexão, porque os trabalhadores comunitários da Restinga que a constituem são afetados por questões envolvendo a proteção de suas crianças e adolescentes, e das atividades institucionais e comunitárias respectivas. O pesquisador está interessado na Rede como sistema e observa seu funcionamento e os modos de experimentá-la como rede associativa. Ainda que acompanhar as reuniões tenha sido um mergulho na complexidade de questões escolares, de violência, conflitos institucionais e múltiplas políticas de funcionamento institucional, o foco referiu-se às estratégias de autogerenciamento do sistema-Rede e a colocação da dúvida de que a rede pode vir a ser ob-

servada como sistema autopoietico de quarta ordem, segundo as provocações recentes de Maturana. Por um lado é possível aproximar-se à análise da rede através da teoria sistêmica, ou seja, mesmo sendo a autopoiese um estágio sistêmico restrito aos seres vivos, os demais estágios, com autoregulação e auto-organização podem perfeitamente aparecer em quaisquer sistemas em que estejam envolvidos câmbios informáticos. No entanto, preferimos aqui optar por considerar, como observadores, a Rede da Restinga como sistema autopoietico de quarta ordem, que apresenta estrutura e organização, e que há dez anos se mantém como sistema que produz a si mesmo. Dentro da ontologia do multiverso, proposta pelo próprio Maturana, acrescentamos nossa contribuição, pelo menos para prosseguir com o debate. Além disso, também optamos por considerar aqui o desejo de trabalhar em rede e de participar da rede, que, para Maturana, necessita daquilo que é fundamental a qualquer fenômeno social organizado por seres vivos humanos: o afeto.

A REDE COMO GESTÃO POLÍTICA

Como pensar a gestão política nas grandes metrópoles da “modernidade líquida”, onde, para o forjador desta expressão, o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (2003), o conceito de comunidade desaparece como forma precípua de laço social e ressurge com artifício meramente estético? Somos cidadãos que acordamos tardiamente do sonho moderno, nossas crenças nas instituições modernas se diluíram, o Estado parece em conflito com suas próprias instituições que o oneram, cobram-no, o sonho da democracia parece não tão democrático, o sonho do capitalismo não tão capitalista e a liberdade parece tão acorrentada em redes de poder econômico e tradicional.

No plano da política, nosso histórico autoritarismo se expressou pela inexistência de uma esfera pública democrática – como espaço de produção de consentimento e regulação de conflitos sociais, assim como pela ausência de mediações institucionais e sociais e ausência de um sistema político que funcionasse como representação de interesses. Essas características são funcionais à simultânea exclusão sócio-política dos segmentos de baixa renda (sendo as suas demandas “estatizadas” por meio da cooptação clientelista e assistencialista) e aos processos institucionais e/ou extralegais de privatização do fundo público, em favor de grupos sociais com maior capital político e econômico. A superação dessa herança autoritária na gestão socioestatal, nas instituições da sociedade civil e na cultura política, é uma condição para viabilizar os princípios republicanos e democráticos necessários à cidadania (Fedozzi, 1997, p. 98-103).

Nos espaços intersticiais de políticas públicas e máquinas administrativas, as redes escavam túneis e percorrem caminhos subterrâneos. É nebuloso o terreno de políticas públicas da juventude ou educacionais, ou dependentes de mecanismos viciados da democracia representativa, com seus cargos de confiança, seus anos eleitorais e suas mega-máquinas politizantes e politizadoras. As redes se autoproduzem em velocidades imensuráveis, enquanto o Estado e suas instituições estão presos à cronificação. O que compete às redes, para que movimentem máquinas defensoras de direitos humanos, de melhores condições de moradia, de visibilidade positiva na mídia, de acesso à cultura, é transformar sua aceleração em velocidade, e sua velocidade em atrito. Mas este processo paga o preço da liberdade, ele é difícil, árduo, pedregoso, e mesmo quando os benefícios aparecem, eles dependem do ponto de vista de quem analisa as redes, seus retroalimentadores sistêmicos.

A Rede da Restinga funciona há mais de dez anos como espaço de reunião de representantes de diversas entidades, sejam elas do Estado, do terceiro setor ou da comunidade organizada, e nunca elaborou um estatuto, ou um organograma fixo. apenas o compromisso com relação ao ECA e a adoção da participação na Rede de algumas entidades como os Conselhos Tutelares constituem-se como seus elementos estabilizadores. A Rede, entretanto, acontece, sendo interessante observar os movimentos de seus elementos operadores sociais, trabalhadores da comunidade, que acoplam ao seu modo de trabalhar a presença na Rede e a inclusão de seus debates. A Rede já planejou a elaboração de um estatuto, que não vingou, e também já elaborou documentos que definiam o que é uma Rede, ou seja, apresentou momentos de funcionamento estáveis e definiu a si mesma (o que se poderia chamar de histórico), e neste espaço de tempo foi capaz de transformar-se e manter-se. A idéia da reunião quinzenal da Rede está espalhada por uma Rede dos trabalhadores do bairro, de maneira quase aleatória, mas que parece deslocar-se até um atrator caótico (Prigogine, 1996) e interagir no Espaço-Rede, trocando vivências e estabelecendo diferentes redes de conversações.

Julgamos necessária a abordagem do encontro entre trabalhador e trabalho, para além da lógica adaptativa, pela qual se considera cada organismo vivo adaptado ou desviado de seu nicho-universo. Optaremos pela potencialidade autopoiética dos corpos, focando a sua subjetivação e individuação como processo que não dissocia a alma do corpo, sendo estes apreendidos como multiplicidades diferenciadas que se comuni-

cam por zonas de sombra (Fonseca e Barros, 2004, p. 03).

Através da observação de um estado emergente de uma rede social específica, uma máquina abstrata, um diagrama, como diz Deleuze, procuramos neste artigo apontar para a questão do desejo como aglutinador e mantenedor de projetos associativos. Com isso, não pretendemos nos utilizar de reforços ao espontaneísmo e ao voluntarismo, mas apontar para a relevância de se considerar a potencialidade autopoiética dos corpos, conforme a possibilidade de redescoberta de outras categorias na definição do que seja trabalho, diferentes do que possamos chamar de trabalho alienado, de emprego, ou até mesmo de trabalho autônomo. Trabalhar na Rede pode significar potencial e potência, estratégias do vivo que são milenares, mas que constantemente se atualizam.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Deleuze, G. (1999). *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Engelmann, A. (2002) A psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psic. Teor. e Pesq.*, Brasília, 18, 1.
- Fedozzi, L. (1997). *Orçamento participativo: reflexões sobre a experiência de Porto Alegre*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Rio de Janeiro: FASE-IPPUR (UFRJ).
- Mance, E. A. (2000). *A revolução das redes: a colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual*. Petrópolis: Vozes, p. 211.
- Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena.
- Maturana, H. R. (1999). *Emoções e linguagem na política e na educação*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Passos, E. (1995). Pensando a subjetividade com conceitos híbridos: a psicologia em interface com a filosofia e a biologia. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 7, 2-3, 109-123.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP.

Recebido em: jan./2007. Aceito em: out./2007.

Autores:

Fábio Dal Molin – Psicólogo, mestre em Psicologia Social e Institucional e doutor em Sociologia pela UFRGS. Pesquisador bolsista pós-doc do CNPq vinculado ao Laboratório de Estudos de Linguagem e Cognição (LELIC/UFRGS). Professor da URI-Erechim.

Tânia Mara Galli Fonseca – Psicóloga, doutora em Educação. Professora titular do Instituto de Psicologia, docente dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Informática Educativa da UFRGS.

Endereço para correspondência:

FÁBIO DAL MOLIN
Rua Tenente-Coronel Fabrício Pilar, 751 – Mont Serrat
CEP 90450-040, Porto Alegre, RS, Brasil
Tels.: (51) 3022-3916 e 9257-7792
E-mail: fmolin@portoweb.com.br